

«O AMOR NÃO PODE MORRER»

"Por que é que Jesus ressuscitou da morte? Uma leitura inteligente dos Evangelhos, e depois de todo o Novo Testamento, conduz à conclusão de que Ele ressuscitou porque a sua vida foi ágape, foi amor vivido para os outros e para Deus até ao extremo: «tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim», para retomar o versículo joanino que abre a narração da última ceia, marcada pelo gesto do lava-pés.

Jesus foi ressuscitado por Deus em resposta à vida que viveu, ao seu modo de viver no amor até ao extremo: poderemos dizer que foi o seu amor mais forte do que a morte – amor ensinado aos discípulos ao longo da sua vida (com toda a sua vida!), e depois condensado no novo mandamento: «amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei» - a causar a decisão do Pai de chamá-lo da morte à vida plena.

Dito de outra maneira: se Jesus foi o amor, como podia ficar contido no túmulo. É esta a pergunta que se esconde por trás das palavras pronunciadas por Pedro no dia de Pentecostes: «Deus ressuscitou-o, libertando-o dos grilhões da morte, pois não era possível que ficasse sob o domínio da morte»...

Como era possível que o amor permanecesse presa dos infernos? Verdadeiramente, a ressurreição de Jesus é o selo que Deus colocou na sua vida: ressuscitando-o dos mortos, Deus declarou que Jesus era verdadeiramente a sua narração, e manifestou que no amor vivido por aquele homem foi dito todo o essencial para o conhecer.

É nesta ótica que podemos compreender também o caminho histórico realizado pelos discípulos para chegar à fé em Jesus ressuscitado e Senhor. O que aconteceu na aurora pascal, na aurora daquele «primeiro dia após o sábado»? Algumas mulheres e depois alguns homens, discípulas e discípulos de Jesus, fo-

ram ter ao sepulcro e encontraram-no vazio: enquanto ainda estavam perturbados por esta novidade inaudita, tiveram um encontro na fé com o Ressuscitado, próximo do túmulo, na estrada entre Jerusalém e Emaús, nas margens do lago de Tiberíades... E é significativo que Jesus não lhes tenha aparecido fulgurante de luz, mas que seja apresentado com traços humaníssimos: um jardineiro, um viandante, um pescador.

Além disso, Ele manifestou-se na forma com que ao longo da sua existência tinha narrado a possibilidade do amor. Por isso, Maria de Magdala, ouvindo-se chamada pelo nome com amor, responde logo: «"Rabbuni", meu mestre!»; os discípulos de Emaús reconhecem Jesus ao partir do pão, ou seja, no sinal recapitulador de uma vida oferecida para todos; o discípulo amado, que o reconhece presente na margem do lago de Tiberíades, grita a Pedro: «É o Senhor!». Em síntese, a vida de Jesus foi reconhecida como um amor transparente, pleno, e aqueles que o viram viver e morrer dessa maneira acreditaram na força do amor mais forte do que a morte, até confessar que com a sua vida Ele tinha verdadeiramente narrado que «Deus é amor».

Iluminados por esta consciência, os discípulos realizaram depois um caminho inverso, que os conduziu a recordar, narrar e por fim inscrever nos Evangelhos a vida de Jesus nos caminhos da Galileia e da Judeia. Compreenderam que Jesus tinha narrado o amor de Deus com as suas palavras, com a sua maneira de estar no meio dos outros, de encontrar os doentes e os marginalizados, de perdoar a mulher adúltera, de aceitar o gesto de amor da pecadora, de chamar Judas de «amigo», precisamente quando por sua culpa era preso...

E depois de ter narrado esse amor durante toda a vida – até dizer, na cruz, «Pai, perdoa-lhes, porque não

sabem o que fazem» –, poderia ficar prisioneiro da morte? Com a sua vida e a sua morte, Jesus mostrou ter uma razão pela qual morrer e, portanto, uma razão pela qual viver: o amor pelos outros, vivido quotidianamente e com simplicidade, gratuitamente e livremente, esse amor que não pode morrer!

Sim, o único preço que o cristianismo nos pede para ser vivido e compreendido em profundidade é o do amor. Isto é, somos chamados a imergirmo-nos no amor de Deus, esse amor de cujo cânone, regra e forma é o amor de Cristo, que gastou dia após dia a vida pelos outros: então a nossa vida poderá ter um sentido, uma direção, um sabor... É por isso que quando somos incapazes de esperar na ressurreição, é porque na verdade não acreditamos que o amor possa ter a última palavra: acreditar e esperar a ressurreição é uma questão de amor, porque só o amor provocou a ressurreição de Jesus.

Forte como a morte é só o amor, mais forte do que a morte foi o amor vivido por Jesus Cristo: é isto que nós, cristãos, deveremos anunciar, com humildade e discrição, a todos os homens e mulheres.

Afirmar simplesmente que «Jesus ressuscitou» é uma bela notícia, mas demasiado breve para ser verdadeiramente Evangelho para todos os seres humanos: como poderemos vê-la? Talvez inclusive os não crentes estejam interessados em percorrer um caminho no qual se parta do pressuposto de que o amor é capaz de combater a morte, até vencê-la.

Eis o sentido profundo da ressurreição de Jesus, eis como este acontecimento pode falar a todos os nossos irmãos e irmãs em humanidade".

(Enzo Bianchi, *Jesus ressuscitado por amor*, in Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura).

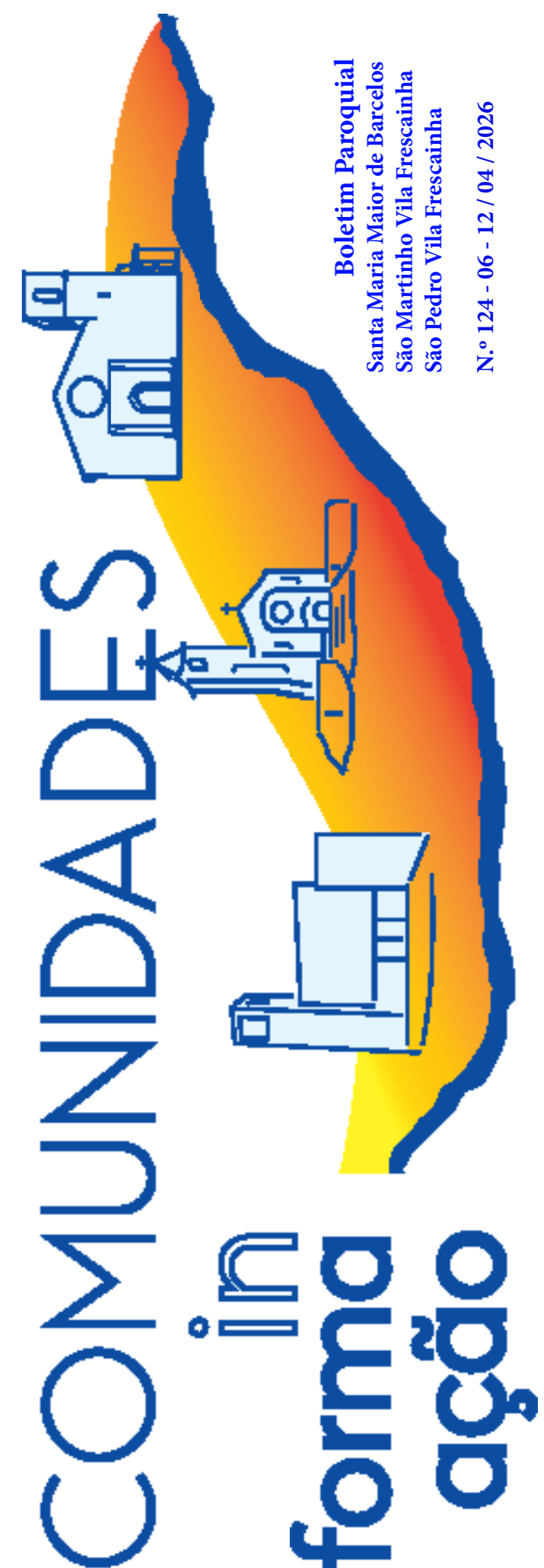
PALAVRA DA SALVAÇÃO



"No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o discípulo predilecto de Jesus e disse-lhes: «levaram o Senhor do sepulcro, e não sabemos onde O puseram». Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro. Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro. Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no sepulcro e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas enrolado à parte. Entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou. Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos" (João 20, 1 - 9).

Acção:

- **"Forte como a morte é só o amor, mais forte do que a morte foi o amor vivido por Jesus Cristo: é isto que nós, cristãos, deveremos anunciar, com humildade e discrição"** (Enzo Bianchi).



Boletim Paroquial
Santa Maria Maior de Barcelos
São Martinho Vila Frescaïna
São Pedro Vila Frescaïna

N.º 124 - 06 - 12 / 04 / 2026



SANTA MARIA MAIOR - Barcelos

Segunda-feira da Oitava de Páscoa - 06/04/2026

- **09:00h (Senhor da Cruz):** Aniv de Manuel António Oliveira Lopes / António Fernandes Pereira, pais e cunhado.
- **15:30h (Igreja do Terço):** Em honra de Santo António.

Terça-feira da Oitava de Páscoa - 07/04/2026

- **19:00h (Igreja Matriz):** 7º dia de Maria Irene Lima Vieira / 30º dia de Carlos Manuel Jardim Fernandes / Rosa de Jesus de Lima Bandeira / Amélia Alda Amaral Neiva / Manuel Augusto Ferreira dos Santos Fernandes / Arlindo Ferreira Campos, esposa e familiares / Familiares e amigos de Luiz Gustavo e Ana Maria.

Quarta-feira da Oitava de Páscoa - 08/04/2026

- **09:00h (Capela de S. José):** Rita de Jesus Pinto e marido, Afonso Pinheiro de Castro.
- **15:30h (Igreja do Terço):** Em honra de Nossa Senhora de Fátima.

Quinta-feira da Oitava de Páscoa - 09/04/2026

- **09:00h (Senhor da Cruz):** Em acção de graças ao Sagrado Coração de Jesus, a Nossa Senhora e a São José / Arminda dos Prazeres Ferreira.
- **19:00h (Igreja Matriz):** 30º dia de Arlinda Carvalho Amaral / Aniv nasc de Fernando da Silva Durães.

Sexta-feira da Oitava de Páscoa - 10/04/2026

- **09:00h (Senhor da Cruz):** Manuel da Costa Sambento, esposa, e Maria Alzira Martins Araújo e marido.

Sábado da Oitava da Páscoa - 11/04/2026

- **11:00h (Senhor da Cruz):** Missa da Associação de Marinheiros de Barcelos.
- **12:00h (Igreja Matriz):** Casamento de Miguel Martins Carneiro e Mónica Lucília da Silva Ferreira.
- **15:00h (Igreja Matriz):** Baptizado de Henrique Nibra Costa Martins.
- **16:30h (Capela de S. José):** Acção de graças ao Menino Jesus de Praga / Em honra de Santa Rita / Maria Arminda Fernandes da Costa / Pe. Joaquim Faria Brito / Rui Nuno Silva Loureiro.
- **17:30h (Igreja Matriz):** 30º dia de Teresa Generosa Moreira Lopes / Aniv de nasc de Maria Fernanda Lopes Martins / Bernardino Pereira da Costa.

Domingo II da Páscoa ou da Divina Misericórdia (Ano A) - 12/04/2026

- **09:00h (Senhor da Cruz):** Irmãos, vivos e falecidos, da Irmandade do Senhor da Cruz / Aniv de Preciosa Ferreira Costa Vieira e marido / Francisco Fernandes da Costa / Rosa Delfina e marido / Carmo Glória Martins, Fernando Agra e Domingos Fernando Martins Almeida / Maria La Salette Poças Andrade e familiares.
- **11:00h (Igreja Matriz):** Pelos irmãos, vivos e falecidos, da Irmandade de Santa Maria Maior / Manuel José Oliveira Carvalho / Manuel José Lima de Araújo / Crispim da Cruz Gonçalves / Izaura Figueiredo e marido / Pe. Abílio Mariz de Faria, irmãos e cunhados.
- **15:30h (Igreja do Terço):** Manuel Araújo.

SÃO MARTINHO - Vila Frescainha

Sábado - 11/04/2026 (Domingo II da Páscoa ou da Divina Misericórdia, Ano A) - 19:00h - Aniv de Ana Miranda Rodrigues, marido, filhos e família / Aniv de Luísa Gomes Cardoso Faria Silva / Sátiro Costa Carvalho e genro, Manuel Joaquim / António Oliveira da Cruz e família (esposa) / José António Faria Ribeiro Novo (esposa) / Familiares de Adelino da Silva Forte / Maria Ernestina Costa Marinho Rodrigues (marido) / Pai e irmã de Angelina Martins / Maria Luísa Vilas Boas e António da Silva Carvalho (Isabel Carvalho) / Pai e irmãos de Fátima Rosas e Maria da Conceição Gomes Rodrigues / João Martins da Silva (neta, Rita) / José Fernandes de Afonseca (Aurélia Forte) / Felisbina Fernandes Carvalho, marido e filho (filho e netos) / Maria Teresa Duarte Ferreira e António de Araújo Carvalho / Alberto da Silva Fortes, filho e família (filho e nora).

Domingo II da Páscoa ou da Divina Misericórdia (Ano A) - 12/04/2026 - 08:00h: Acção de graças a S. Judas Tadeu (Leonida Carvalho) / Aniv de João da Silva Forte / Aniv de Vicência do Sameiro Santos Pena e familiares (filho, Domingos) / Aniv de nasc de João Pereira Santos (esposa) / Ana da Silva Andrade, marido e filho (filha, Amélia) / João Manuel da Silva Cunha / Adelino Amaral Miranda / Ilidio Neiva Pereira e pais (esposa) / Marco Pablo Campos dos Santos.

SÃO PEDRO - Vila Frescainha

Domingo II da Páscoa ou da Divina Misericórdia (Ano A) - 12/04/2026

- **09:30h:** Irmãos e irmãs da Confraria de Nossa Senhora do Rosário / Aniv de Teresa Senra Brito e José Dias da Silva / Aniv de Maria Emília Soares Monteiro e Henrique Soares (José Monteiro) / Aniv de Fernando Manuel Gonçalves Serra Calheiros / Aniv de Isidro Faria Pereira (Artur Isac) / Aniv de Emília Brandão Gomes e Paulino Eiras Mano (filha, Fátima) / Aniv de nasc de Joaquim António da Silva Pereira / José Arantes Silva (Ana Conceição) / Fábio David Cordeiro Veloso, avós, tio e Susana Margarida Bajão Gonçalves / Maria Alice Martins da Costa / António Neves Ribeiro (esposa e filhos) / José Luís Gomes Mano (cunhada, Rosa) / Maria da Conceição Queiroz Pereira, marido e filho (filha, Antónia) / José Miranda Oliveira (filha) / Pais e familiares de José Luís Miranda Castro / Bernardino Sousa Amorim (esposa) / Faustino Gonçalves e família, João Torres Pereira, pais e irmãos (família) / Manuel Martins Brito e esposa / Paulino da Costa Ferreira (neta, Bernardete).

“Cristo ressuscitou! E da terra ferida pela morte, o jardim floriu!”

Talvez tenhas chegado a esta Páscoa cansado. Na Quaresma, cavámos a terra, removemos pedras, regámos e adubámos o solo do coração. Mas agora, na manhã de Páscoa, não olhamos para o que fizemos, mas para o que Deus faz brotar.

Num jardim, Maria Madalena encontrou o Ressuscitado e, atónita, O confundiu com o jardineiro (cf. Jo 19,41; 20,15). Não se enganou. Jesus é o Jardineiro de Deus. Ele continua hoje, neste nosso tempo, a inclinar-Se diante da desesperança do mundo para lhe dar vida e vida em abundância (cf. Jo 10,10).

A cruz que ganha flores

O maior sinal desta vida a florescer é a Cruz: aquele madeiro seco, plantado como sinal de morte, tornou-se Árvore da Vida. Por isso, sugerimos algo simples e concreto: porque não colocar, nas nossas casas, durante o Tempo Pascal, uma cruz florida? Não como decoração, mas como memória viva de que Cristo faz florescer até aquilo que em nós parece perdido.

A coragem contra a resignação

Outro gesto concreto: propor nas nossas comunidades a Via Lucis. Num tempo atravessado pela

guerra, pelo medo e pela incerteza, pelas preocupações económicas e da vida familiar, proclamar a Ressurreição não é ingenuidade. É coragem.

Num mundo que se habitua à morte, nós ousamos anunciar a vida. «No meio da complexidade sem precedentes da história, há o perigo de ceder à resignação. [...] Mas hoje celebramos a vitória de Cristo que transformou o sepulcro, de lugar de morte, num jardim de vida» (Papa Francisco).

A Páscoa não nos retira da realidade; antes, dá-nos força para permanecer nela sem desistir.

A alegria é a vossa força

«O deserto e a terra árida alegrar-se-ão; a estepe exultará e florescerá como o narciso; florescerá e exultará, gritando de alegria» (Is 35,1). Esta promessa não é para outros. É para nós. Aqui. Agora.

Ide, alegres e florescei. Ainda que seja pouco. Mas de verdade. Levai Jesus a todos e todos a Jesus. Feliz e Santa Páscoa!

D. José Cordeiro, Arcebispo Metropolitana, D. Delfim Gomes e D. Nélio Pita, Bispos Auxiliares.